

EDUCAÇÃO (IN)SENSÍVEL NA AMAZÔNIA DO SÉC. XX: UM PORVIR NAS FRONTEIRAS DA MISÉRIA HUMANA EM MARIA DAGMAR E CANDUNGA, DE BRUNO DE MENEZES (1893-1963)

Leomax Cardoso Machado*

RESUMO

O presente resumo tem como objetivo analisar o processo de Formação de uma Educação do (in)sensível do universo da Amazônia do Séc. XX a partir da estética ficcional e sociocultural das vozes dos(as) protagonistas, Maria Dagmar e Candunga, no romance de Bruno de Menezes (1893-1963), dialogando com as percepções de leituras nas interfaces da formação, educação, literatura, cultura, infância e saberes na Amazônia, sobre um espaço e tempos dos anos de 1920-930, séc. XX. Guiadas sobre as visões de Lukács (2015), Bakhtin (2003-2010-2015), Laufer (1980), Genette (1979), Racièrie (2005), Bachelard (2006-2010), Aires (1981), Heywood (2004), Postman (1999), Venâncio (1993), Alves (2020), Loureiro (2001-2012), e Menezes (1994-1950-1954) e a partir de um método de abordagem dialética, de pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativa em Lüdke (1986), Minayo (2004), Severino (2007) e Marconi e Lakatos (2009) que nos ajudam a refletir, problematizar e alcançar os nossos resultados sobre os pontos e contrapontos das protagonistas subversivas presente nas leituras e análises dos romances: Maria Dagmar (1950) e Candunga (1954) que denunciam as formas de opressão, poder, barbárie e violação de direitos que escravizam seres humanos e alienam seus espíritos, classes e grupos sociais.

Palavras-chave: Educação. Literatura. Infância. Ficção. Amazônica.

(IN) SENSITIVE EDUCATION IN THE AMAZON IN THE 20TH CENTURY: A FUTURE ON THE BORDERS OF HUMAN MISERY IN MARIA DAGMAR AND CANDUNGA, BY BRUNO DE MENEZES (1893-1963)

ABSTRACT

The objective of the present abstract is to analyze the process of formation of an (in) sensitive education of the Amazon universe in the 20th century from the fictional and sociocultural aesthetics of the protagonists voices of Maria Dagmar and Candunga in the novel by Bruno de Menezes, (1893-1963), dialoguing with the perceptions of readings on the interfaces of educational background, education, literature, culture, childhood and on the Amazon knowledge. About a space and times of the years 1920-930, 20th century. Guided by the visions of Lukács (2015), Bakhtin (2003-2010-2015), Laufer (1980), Genette (1979), Racièrie (2005), Bachelard (2006-2010), Aires (1981), Heywood (2004), Postman (1999), Venâncio (1993), Alves (2020), Loureiro (2001-2012) and Menezes (1994-1950-1954). From a method of dialectical approach, bibliographic and qualitative research in Lüdke (1986), Minayo (2004), Severino (2007) and Marconi and Lakatos (2009) who helped us to reflect, problematize and achieve new results on points and counterpoints. of the subversive protagonists present in the reading and analysis of the novels, Maria Dagmar (1950) and Candunga (1954) which denounce the forms of oppression, power, barbarism and the rights violation that enslave human beings and alienate their spirit, classes and social groups.

Keywords: Education. Literature. Childhood. Ficção. Amazon

EDUCACIÓN (IN) SENSIBLE EN LA AMAZONIA DEL SIGLO XX: UN AVANCE EN LAS FRONTERAS DE LA MISERIA HUMANA EN MARIA DAGMAR Y CANDUNGA, DE BRUNO DE MENEZES (1893-1963)

RESUMEN

El objetivo del resumen es - Analizar el proceso de formación de una educación de los (in) sensibles del universo de la Amazonia del siglo XX a partir de la estética ficcional y sociocultural de las voces de las protagonistas, Maria Dagmar y Candunga en la novela de Bruno de Menezes, (1893-1963), dialogando con las percepciones de lecturas en las interfaces de educación, literatura, cultura, niñez y conocimiento en la Amazonia. Sobre un espacio y épocas de los años 1920-930, siglo. XX. Guiado por las visiones de Lukács (2015), Bakhtin (2003-2010-2015), Laufer (1980), Genette (1979), Racièrie (2005), Bachelard (2006-2010), Aires (1981), Heywood (2004), Postman (1999), Venâncio (1993), Alves (2020), Loureiro (2001-2012) y Menezes (1994-1950-1954). Desde un método de abordaje dialéctico, de investigación bibliográfica y cualitativa en Lüdke (1986), Minayo (2004), Severino (2007) y Marconi y Lakatos (2009) que nos ayudan a reflexionar, problematizar y lograr nuestros resultados sobre los puntos y contrapuntos de los protagonistas subversivos presentes en las lecturas y análisis de las novelas, Maria Dagmar (1950) y Candunga (1954) que denuncian las formas de opresión, poder, barbarismo y vulnerabilidad de derechos que esclavizan al ser humano y enajenan sus espíritus, clases y sociedades, grupos.

Palabras-clave: Educación. Literatura. Niñez. Ficción. Amazonia.

* Professor Substituto na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS/Cametá-Pá), na Faculdade de Educação (FAED). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/ UFPA) e mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Integra o Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/ UEPA/ CNPq).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1867-3890>

E-mail: leomaxmachado@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de Formação de uma Educação do (in)sensível do universo Amazônico do séc. XX. A partir da estética ficcional e sociocultural das vozes dos(as) protagonistas Dagmar, Candunga, nos romances-Maria Dagmar (1950) e Candunga (1954), de Bruno de Menezes (1893-1963)[1]. Ambos os romances nos guiam no sentido de aproximarmos suas temáticas e problematizarmos suas demandas voltadas às denúncias sociais, protagonizados(as) por seus personagens principais que narram as mais diversas formas de desigualdades sociais, violações de direitos e toda uma manifestação da barbárie humana.

Aos passos de uma opressão que levam aos mais altos níveis de formação, autoconsciência e saberes sobre o ato de resistir e (re)significar seus modos de vida em resistência constante, passam a ser vistos como os mais delicados meios de opressão alinhavadas sobre um contexto de alienação ideológica do ser sobre o ser humano. Entender essa diversidade de explorações é compreender os seus vários caminhos, cito os voltados à escravização e à exploração de mão de obra, corpo, alma e espíritos dos seres humanos frente às distintas desigualdades, situações de vulnerabilidade socioculturais, econômicas e educativas que são ausentes, silenciadas e estão à margem, nas fronteiras de um universo Amazônico ainda em descoberta aos olhos humanizantes.

Por sua vez, já bem explorado e descoberto aos olhos do capital humano, tidos como vozes caladas pela força opressora do poder capital que guiam as mais diversas manifestações da ignorância humana. Ao ressaltarmos essas tessituras, denunciadas pelas narrativas e oratórias dos distintos protagonistas, fazem com que as forças que escancaram a realidade no interior do universo amazônico, seja tecido por infinitas denúncias, ironias e metáforas autodestrutivas sobre a labuta de uma ficção romanesca aos olhos do poeta, escritor, romancista, jornalista e crítico social Bruno de Menezes em pleno séc. XX.

Em busca de tecermos considerações sobre a arte ficcional e factual que nos conduzem a uma verossimilhanças na busca de compreendermos as realidades narrativas apontadas pelo gênero ficcional, guiados pelas manifestações de existências das tramas e dramas protagonizados por Dagmar e Candunga, ao nosso ver, são as mais delicadas manifestações que se define ao investigar e trabalhar neste artigo, ressaltando por sua vez alguns pontos e contrapontos a partir do romance do escritor Bruno de Menezes. Embora sejam muitas as indagações que se fazem sobre o árduo processo de formação, educação, saberes sobre os protagonistas acima citados, é fundamental que tenhamos um olhar sensível frente aos raros romances, suas delicadas ironias e suas polêmicas levantadas, no sentido de clarear e contribuir para futuras investigações. Sua visibilidade, leituras e problemáticas denunciativas são apresentadas de forma autodestrutivas frente às narrativas dos romances.

Neste aspecto, tomemos como caminho o indagar a infância e a criança frente às presentes manifestações de abusos, barbárie e ausências de direitos. No sentido de percebermos nas leituras dos romances as vozes polifônicas que se lançam nos textos e narrativas a partir das práticas descritas da literatura. Ao recordarmos sobre o campo da memória, suas vivências e experiências apontadas pela ficcionalidade de Bruno de Menezes é a legitimação de vozes dos seus protagonistas, que realçam uma diversidade de problemas sociais, humanos, universais que instigam para os tipos de explorações humanas ocorridas no interior da Amazônia descritos nos romances.

[1] Bruno de Menezes ou, se preferem, Bento Bruno de Menezes Costa não é apenas um grande escritor amazônico. É o símbolo genuíno da inteligência paraense" (MENEZES,1993, p.18), veremos com mais detalhes no tópico a seguir deste trabalho

Cabe salientarmos que os atos de resistências, formação e transformação de suas próprias realidades frente ao meio e ao sistema opressor que as rege, são as tentativas de respirar em um tempo e espaços dos anos de 1920-1930 do séc. XX no universo Amazônico. Levando em conta as inconsequentes visões distorcidas, excludentes, discriminatórias e desiguais de um contexto de um Brasil ao Norte e outro Brasil ao Sul, sobre uma visão preconceituosa e discriminatória, a arte-literária é a prática subversiva que ecoa em sua época.

Ao respirar contra o poder, que os protagonistas Dagmar e Candunga sofrem com seus corpos abusados, explorados, aprisionados, sobre a ignorância dos homens e as mãos do capital e do mercado, esse tecido minucioso sobre os abusos que o tempo aprofunda sobre as cicatrizes da alma, no corpo e nas mentalidades, ajudam a negar a realidade, usurpar sonhos, refutar desejos e silenciar todo um processo de liberdade e igualdade que pairam sobre um sol e as noites tóxicas alienantes de uma Amazônia, sem acesso aos bem essenciais para sobrevivermos frente às mais diversas realidades dos interiores do ser humano e da nossa imensa Amazônia de nossa ignorância. Ao “escutar os mortos com os olhos” sobre diferentes campos de estudo que dialogam entre si e legitimam as concepções de literaturas, críticas literárias, estéticas, recepções, semiótica, interpretações, textos, discursos, leituras, educação, culturas, saberes poéticos e imaginário sobre o olhar sensível do homem frente à realidade. As abordagens a partir da obra “Teoria do romance”[3], passam a ser fundamentais, pois afirma Lukács (2015, p.124) “a vida faz-se criação literária, mas com isso o homem torna-se ao mesmo tempo o escritor de sua própria vida e o observador dessa vida como uma obra de arte criada. Essa dualidade só pode ser configurada liricamente”.

Ao entender que o herói romanesco tem a alma maior que o mundo e que a desilusão é a riqueza da alma, “renuncia a todo papel na configuração do mundo exterior” (LUKÁCS, 2015, p.123), ao mesmo tempo em que considera que o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade: “[...] seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesmo, que busca aventuras para e por elas serem provadas e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência” (LUKÁCS, 2015, p.91).

Sobre essa provocante leitura legitimam nossas indagações, para Genette (1979), no “Discurso da narrativa” salienta uma análise concreta da intertextualidade no texto e suas transtextualidades textuais, bem como, Roger Laufer (1980, p. IX) ao comentar em sua “Introdução à textologia”, observa que ao “estudar as condições gerais de existência dos textos. Palavras, o vento leva; o que se escreve permanece: nem os textos, nem as leituras, contudo, escapam às investidas do tempo. A escrita se altera, muda o espírito [...]”. Para Stierle (2006, p.88): “A ficção” ou “lógica da ficção, ao se perguntar pelas frases ficcionais isoladas, que é uma dimensão do fingire, perde de vista a formatividade. A formatividade, no entanto, retorna de maneira surpreendente em sua nova teoria da escrita da história [...]”.

Racièrie (2005, p.15) define “a partilha do sensível” que o tempo “comum partilhado e partes exclusivas [...] lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determinam propriamente a maneira como um comum se presta a participar e como uns e outros tomam parte nesta partilha”. Nas poéticas de Bachelard (2006-2010) ao tratarmos do imaginário poético, do “devaneio” e da “imaginação” salienta que a “experiência primeira da realidade temporal e que “corresponde a uma consciência mais direta do tempo” [...] “o problema do tempo muda de sentido a partir do momento que considerarmos a construção do tempo a partir do instante” (BACHELARD, 2010, p.43). Sobre o olhar da infância, as percepções de Aíres (1981, p.10) se define pela “invenção da infância”, [bem como] A “descoberta” da infância passa a ser “uma espécie de quarentena”, antes que pudessem integrar o

[2]Esse estudo, escrito em 1914-1915, saiu em 1916 (na Zeitschrift für Aesthetik und Allgemeins Kunstwissenschaft, de Max Dessoir) e em livro na cidade de Berlim, no ano de 1920. Mas logo depois (em 1922) Lukács repudiou o próprio pensamento e, durante 40 anos, proibiu a reedição de La théorie du roman, que em 1962 faz-se prestígio.

mundo dos adultos” (HEYWOOD, 2004, p.23) e em Venâncio (1999) essas “famílias abandonadas” deixam as sequelas (in)visíveis no meio social, além do “desaparecimento da infância” (POSTMAN, 1999, p.11) que guiam nossas percepções em busca de compreendermos os horizontes de leituras sobre a manifestações do campo da infância no contexto de ficção na Amazônia.

Essa representatividade sobre o contexto do universo ou da cultura amazônica, nos levam a indagações de Loureiro (2001) ao definir que são fundamentais para compreender a “Cultura Amazônica” como um feixe de representações simbólicas, imaginárias, sensíveis sobre as poéticas socioculturais e identitárias que emergem no universo sociocultural amazônico. Neste sentido, são essenciais na busca de compreendermos os estudos os protagonistas que balizam as bases para compreensão dos textos/obras ficcionais sobre os romances de Bruno de Menezes. Tendo em vista que a estética discursiva de Bakhtin (2003, 2010 e 2015) sobre as narrativas ficcionais contextualizados a partir do chão amazônico nos servem enquanto concepções de leituras. Para Bakhtin (2010, p. 238) ao reforçar que “a formação (transformação) do homem, [é] o grau de assimilação do tempo histórico real”. Para o estudioso, o que reúne são diversas obras sob o rótulo de “Romance de Formação” e, é a “transformação da[o] personagem principal”, de outro lado, o que as separa é o “grau de transformação da[o] personagem”, variando-se de acordo com o grau de assimilação no/do tempo histórico e social.

Neste sentido, esta investigação está ancorada pelo Método Dialético, que para Lüdke (1986, p.15) ao definir que “geralmente [que] o pesquisador desenvolve a sua investigação passando por três etapas: exploração, decisão e descoberta. Em Marconi e Lakatos (2009, p.46)[3] se define que o método “é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [por entendermos como] – conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando-o os caminhos a serem seguidos, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Para Lukács (2015, p.83) comenta que “as fronteiras fluídas coexistem e [...] há uma série infundável de elos intermediários que vai do materialismo histórico até as formas teóricas de expressão da mais superficial das esferas imediatas da circulação” e o gênero ficcional em jogo e em discussão enquanto campo interpretativo neste trabalho. Entender o tipo de investigação desenvolvida no contexto desse trabalho, propõe uma análise das vozes narrativas, do processo de formação, autoconsciência e subconsciência que nos levam a autonomia e aos saberes dos(as) protagonistas: Dagmar, Antônio Candunga, a partir das percepções de leituras dos romances de Bruno de Menezes.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, ao entendermos que o levantamento bibliográfico visa o “registro e sistematização de dados, informações, [colocados em] análise por parte do pesquisador [...]” (SEVERINO, 2007, p.124) é que cabe neste contexto, para compreendermos os horizontes de leituras e interpretações sobre os romances já mencionados. É que apontamos os aspectos de pesquisa qualitativa, que ao entender de Minayo (1994, p.21-22) menciona que nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Entendendo essas colocações é que apontamos a importância das obras-Maria Dagmar (1950) e Candunga (1954) e seus(as) protagonistas (Dagmar e Antônio Candunga), de Bruno de Menezes (1893-1963).

[3]Sob a leitura do livro de Lakatos e Marconi (2009)

Portanto, na iniciativa de responder as seguintes indagações: Há uma educação (in)sensível emergindo nas fronteiras do silêncio do universo amazônico? Quais os pontos e contrapontos entre os protagonistas Dagmar e Antônio Candunga nos distintos romances, *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954)? Em busca de respondê-las, este trabalho guia-se sobre a introdução, um tópico de desenvolvimento, nos quais, apontam sobre *um novo porvir há de chegar!* que são subdivididos em dois subtópicos, um descreve, *O recalcar no fundo da Alma* e, um outro corresponde, *Há Luz no Amanhã?* Seguidos de nossas considerações finais e referências que fecham nossas indagações e abrem espaço às provocações para campo científico em distintos campos de conhecimento em nossa contemporaneidade.

2 UM NOVO PORVIR HÁ DE CHEGAR!

Bento Bruno de Menezes Costa, conhecido como escritor Bruno de Menezes (1893-1963) [4], introdutor do movimento modernista no Pará, suas inovações de estilo antecipam um movimento ao Norte do Brasil que irá ser radicado na Semana de 22, ganham fôlegos e faz com que aja um romper com os academicismos. Elaborando-o poesias, ficções, prosas, valorizando-o folclore e toda uma poética sociocultural ambientada sobre uma visão moderna, sobre uma descoberta de estilo novo regional, de arte local, sensível, (re)criando o que ele define de um estilo ou arte-nova.

Seus anúncios ganham força e ecoa enquanto movimento ao sul e sudeste de nosso Brasil, Bruno de Menezes, desde de 1920 no universo Amazônico já trilha uma estética de arte que versa sobre um socialismo moderno ao citar em suas palavras “eu quero uma arte original” (MENEZES, 1993, p.9) seu ponto de vista é acolhido como uma cultura negra sobre a sugestão da poesia, das expressões do agora do séc. XX, que chamamos de hibridação sociocultural.

Bruno, por ser mestre de vários gêneros, tais como: poesia, folclore, estudos literários e outras miscigenações de estilos e valorização da cultura negra, indígena, escrava-preta, ribeirinha quilombos, retirantes, caboclo e outros, o termo hibridação sociocultural se explica no sentido de abarcar esse fenômeno que se passa na escrita das obras do referido autor. Neste trabalho, nossas indagações giram em torno de sua ficção em uma tentativa de compreendermos suas estéticas de Arte-Nova, ao escrever dois romances presos à temática da miséria quase absoluta e a desumanizante situação para o eu e outro no mundo. O primeiro está centrados sobre as publicações folhetinescas, imprensas em rodapés de jornais, voltados às circulação locais, que por ventura, veio a se chamar romance folhetinescos-novela, conhecido pelo título de *Maria Dagmar* (1950)[5] e um outro, tece suas indagações sobre o romance chamado *Candunga* (1954)[6], ambos são romances que foram premiados, lidos e criticados por seu teor a frente de seu tempo, voltado às temáticas universalizantes e problemáticas sociais que guiam sua poética a rigor crítico e denunciativos que se alcançaram como recepção de suas obras e formas narrativas autodestrutivas. Para Bachelard (1996):

[4] “Bruno de Menezes ou, se preferem, Bento Bruno de Menezes Costa não é apenas um grande escritor amazônico. É o símbolo genuíno da inteligência paraense”. (MENEZES, 1993, p.18). É o poeta da negritude amazônica, nascido em Belém, 21/03/1893 – falecido em Manaus, 02/07/1963, foi animador do grupo literário Vândalos do Apocalipse (depois Grupo do Peixe Frito e Academia do Peixe Frito), anarquista, modernista, pioneiro da economia solidária (cooperativismo) na Amazônia. Nos deixou o legado de sua intelectualidade nos seguintes gêneros a seguir: Poesia, *Crucifixo* (1920), *Bailado Lunar* (1924), *Poesia* (1931), *Batuque* (1931), *Lua Sonâmbula* (1953), poema para fortaleza (1957), *Onze Sonetos* (Prêmio cidade de São Jorge dos Ilhéus – Bahia-1960) (MENEZES, 1993, p.12). No Folclore: *Boi Bumbá-Auto Popular* (1958), *São Benedito da Praia – Folclore do Ver-o-Peso* (1959) (MENEZES, 1993, p.12). Nos Estudos literários: *À margem do “Cuia Pitingá”* (estudo sobre o livro de Jacques Flores (1937). (MENEZES, 1993, p.12) e por fim, a Ficção: *Maria Dagmar* (Novela-1950), *Candunga* (Romance-Prêmio “Estado do Pará” em 1954) (MENEZES, 1993, p.12)

[5] Novela que narra fatos reais sobre o arrombo da mocidade, da miséria, situação da mulher, reclama, denuncia um renascimento do pensamento para época, novo olhar sobre a realidade das expressões do estilo, a velocidade da trama e a sutil mensagem educativa que encerra sobre o símbolo mesclado do realismo na observação da arte e os velhos problemas que atravessam séculos sobre um patriarcalismo e machismo do homem, conflito de classes e de poderes, dificuldades econômicas e a situação da mulher e suas práticas sobre os inferninhos da noite. É a representação de uma nova geração metáfora de transformação gêneros, grupos vulneráveis, jogo realista das paisagens humanas e suas atrocidades, dores, perdas, alegrias e tristezas criou *Maria Dagmar*. Arte nova, sobre a existência de um mundo, mulher, realidade existencial da humanidade, criatura de símbolo.

[6] [1] Verte-se ao desvalido da seca nordestina, forçado à migração para a Amazônia. Os flagelados são movidos à ilusão de que a floresta é o úbere fecundíssimo e sereno, o solo acolhedor, ofertório do teto, do pão, da acalmia, o fim da errância. E veem-se tangidos às zonas rurais do Pará e submetidos à violência da grilagem e do latifúndio. É marco, por ficcionalizar uma das questões mais graves, insolúveis e desalentadoras do Brasil, com ênfase angustiante na Amazônia, a luta pela terra e, em decorrência, a desagregação da família, o que arrasta as meninas à prostituição e à perda de identidade social.

A poesia constitui ao mesmo tempo o sonhador e o seu mundo. Enquanto o sonho noturno pode desorganizar uma alma, propagar, mesmo durante o dia, as loucuras experimentadas durante a noite, o bom devaneio ajuda verdadeiramente a alma a gozar do seu repouso, a gozar de uma unidade fácil. (BACHELARD, 1996, p.16)

Na tentativa de sugerir seus valores, manifestarmos suas visibilidades e buscamos novos horizontes de leituras que permitam nos guiar sobre suas pulsantes e instigantes manifestações artísticas, Bruno nos deixa sem fôlego para anunciarmos a sua universalização e grandiosidade de suas obras-romanescas em diferentes contextos, espaços e tempos voltados aos anos de 1920-1930, do séc. XX, ecos sensíveis que vibram pelos modos de culturas, vidas, gente, povo e o desenho de uma sociedade.

No entanto, como havíamos dito, este tópico, versa sobre dois subtópicos que guiam nossas respostas sobre as indagações: Há uma educação (in)sensível emergindo nas fronteiras do silêncio do universo amazônico? Quais os pontos e contrapontos entre os protagonistas Dagmar e Antônio Candunga nos distintos romances, Maria Dagmar (1950) e Candunga (1954)? Que serão respondidas sobre os dois subtópicos a seguir: O recalcar no fundo da Alma e Há Luz no Amanhã?

2.1 O recalcar no fundo da alma

De certo, que no romance Maria Dagmar (Novela-1950) o trilhar de suas leituras é um campo aberto para (re)criarmos sentidos, sentidos estes, que nos transporta, incomoda e nos faz (re)pensar as metáforas e ironias do ser, para ser enquanto (re)construção de significados ao enxergarmos o povo, a gente das águas e das florestas frente aos seus modos de vida, saberes, imaginários, identidades e simbologias que muito se sabe e pouco se valoriza. Dagmar dos conflitos, das dores, dos sonhos, das vidas, dos desejos, das vontades, da realidade do viver, do ser mulher no interior da Amazônia. Sua saga romanesca segue sobre as angústias humanas, trilhos que os levam aos ritos de passagens do espaço e tempo, de menina à mulher de fases, escolhas que as levam da miséria ao luxo. A protagonista segue “em devaneio de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma” (MENEZES, 1993, p.39).

É sobre essa virginal moça que os olhos se enchem de dor denunciando sobre as finas ironias de Bruno de Menezes, no passar da vida e da ficção em Dagmar “[...] Desde virgem e púbere, em maravilhosa eclosão feminina, ostentando proeminências de ancas arqueadas, em vigorosos movimentos cadenciados”. (MENEZES, 1993, p.39) enlouquecem aos olhos e corre na boca do povo sua imagem e astuto de ignorância humana frente ao reconhecimento feminino. Dagmar é a metáfora de um novo gênero, estilo a surgirmos, novos tempos definidos em pleno séc. XX sobre um novo olhar, estilo, estética de arte-literária aos passos de um movimento modernista ecoando ao norte de nosso país.

É com Dagmar, que os raios dos tempos sucumbem os espaços e atravessam os horizontes das dores, perdas e conflitos sociais, humanos e interiores aos universos dos seres que vivem na Amazônia. Suas escolhas seguem o determinismo de suas opções manipuladas pela natureza humana. Uma vida de escolhas frente à vida miserável que levava, buscando exercer sobre os “infernhinhos” das noites, os traços de uma opção que as arapucas da vida lhe ofereceram enquanto escolhas, modos de vida, de certo, teria uma certa queda de tipo de vida, as referências pessoais lhe indicam o caminhar pela vida, forçada pela vida fácil de luxos ilusórios na esperança de ser algo de dois ou três dias e não uma vida toda.

Ressaltamos que Dagmar “é toda satisfação, natural ou fingida, quando escuta os passos fortes, do homem esperado, entrando os batentes da casa amiga e próspera”. (MENEZES, 1993, p.45). Há uma queda gradativa provocada pela prostituição soando como atrativa para Dagmar ao buscar de forma ansiosa uma reciprocidade de um amor verdadeiro que não se alcança a alma, consome o corpo, alimenta o sonhar e se perde nos desejos levianos. O que ocorre de fato é uma avassaladora perturbação da alma humana sobre o dissabor da carne que lhe sustenta a vida. Essa “carne” é seu ganha pão, sua tortura, existência e seu vício, realidades vividas dos anos 1920 do séc. XX.

Essa vida, descrita por Dagmar escancara os abusos e as explorações de mulheres, jovens e crianças na Amazônia. Testemunho de muitos corpos de filhos(as) nascidos sobre os ambientes de abusos e explorações de corpos, almas e sonhos no interior da Amazônia. É o reflexo de grupos em situação de vulnerabilidade social, econômica e habitacional, silenciadas, às margens e desassistidas pelo Estado, por famílias, pessoas de seus próprios grupos afetivos que se aproveitam das situações de vulnerabilidade de grande parte da massa populacional para abusar, alienar, induzir, explorar, escravizar, forçar às mais puras barbáries humanas.

É a infância, são crianças, jovens e adultos que crescem achando que essas atitudes são comuns, com isso são vítimas de todas as formas de explorações físicas, psíquicas e morais que passam a serem denunciadas nas leituras da ficção romanesca de Bruno de Menezes de forma implícita e explícita nas entrelinhas do texto-obra. Anunciar esses tabus sociais sobre um contexto patriarcal e machista de um Brasil da primeira metade do séc. XX é um ato de coragem e resistência. Fatos estes que fizeram desaparecer esse discurso, por muitos anos foram silenciadas e ficam nos vazios e ausentes de textos, fontes documentais que registram épocas.

O que nos chamou atenção ao percebermos essas indagações de leituras sobre o estágio da infância atropelada pelo tempo de ser adulta, ser mulher no processo de exploração do gênero feminino e Dagmar é um exemplo dessa passagem de temporalidade existencial sobre ficto e facto, muito bem tecido pelo escritor Bruno de Menezes. A esse aspecto, “[...] a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim “homens de tamanho reduzido” (AÌRES, 1981, p. 18). A efeito desse pensamento, encontramos no estágio da infância e da criança muitas passagens de tempo não vividos e sim comprometidos. Esse viés nos traçou um olhar sobre a infância na Amazônia, vulneráveis e desassistidos de corpo, alma, espíritos, lugares, espaços e tempos, por não possuir sequer o mínimo de dignidade para sobreviverem.

Em relação à infância e às crianças “[...] as meninas[os] costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p.76). O que enfatizamos é que com os avanços e explorações humanas descritas nos distintos romances, poderemos entender a atualidade que vem à tona, as delicadas práticas de exploração tão comum vindas dos rios, zonas rurais, campestre, urbanas, periféricas, ribeirinhas e hoje, contemporâneas a essa temática, se transveste sobre vários contextos e formas digitais de explorações. Cabendo a cada um de nós sermos presentes, vigilantes e tecermos orientações em nossos ambientes familiares e educativos para não cair nas malhas do meio social mundano que não se tem direção, apenas crise e caos.

Em Dagmar [...] abroquelada num orgulho de destemida, Dagmar não tem um gesto sequer, que traria o seu desespero, uma palavra de reproche ao posicionamento do homem. [...] que terrível lição lhe davam. Seria que o desalmado não se lembrava de

nada, dos momentos em que lhe dizia tantos madrigais, em que jurava viverem eternamente juntos? (MENEZES, 1993, p.57). Em Dagmar as suas utopias inconstantes são magoas “[...] não casara, que seu sonho seria amar a alguém, mesmo pobre, mas seu, pelo menos com a benção do Padre [...] não tivera a dita de ser esposa, pois terminara amasía, se àquela ligação podia se dar este caracter” (MENEZES, 1993, p.43).

Essas ausências são obscuras reflexões de uma natureza constante e presente da barbárie e da ignorância que estamos passando em nossa contemporaneidade. Essa visão ganha força com a legitimação de grupos sociais machistas, patriarcais e tradicionais, que ao criarem suas crianças e educarem seus jovens como xerimbabos de estimação pronta para o abate do meio social, isentas de quaisquer orientações que lhe deem atenção ou as levem a trilhar uma realidade diferente emergindo enquanto seres humanos, mulheres e enquanto ser de direitos, garantidos em nosso país. Estamos falando da protagonista Dagmar “[...] mulher que vem ao mundo para atrair, entontecer, cumprir os determinismos de sua sorte”. (MENEZES, 1993, p.39). Ao percebemos que “Dagmar já não se demora tanto ao espelho [e] compreende que não atrai mais ninguém para o amor eterno e digno. [percebemos que é] Inútil o artifício de suas maneiras, a mascarada de sua fisionomia, embora seu corpo ainda não seja para desprezar”. (MENEZES, 1993, p.85) o tempo, o desgaste a alma, os sonhos não realizados, mas bem definidos no plano da lembrança deixa Dagmar na recordação de suas memórias de um tempo psicológico.

Portanto, a novela (Maria Dagmar-1950)[7] seria uma metáfora da Arte-Nova, sobre o uso de um Novo Gênero ou gêneros em resistências, conflitos de consciências e desordem da realidade que (des)constrói para (re)construir um novo olhar sobre a Amazônia. Os “Amazônia(das)” que todos querem abusar e não respeitam enquanto gente, cor, língua, estilo, etnia, moda, cultura, educação, direitos, políticas, fauna, flora, água, oxigênio, diversidade, ecossistema de universos ainda em constante descoberta e exploração. Talvez não seja inconveniente esclarecer que este romance foi escrito para a revista “Belém Nova”, onde teve publicidade nas edições dos números 9, 10 e 11, de janeiro à março de 1924 e o escritor, “soube como poucos denunciar: injustiça sociais, prostituição, pobreza, sofrimento, miséria humana, migrações humanas” (MENEZES, 1993, p.7). Por fim, [...] numa sociedade cujos contextos psicológicos e sociais não enfatizam as diferenças entre adultos e crianças. Como o mundo adulto se abre de todas as mineiras possíveis para as crianças, elas inevitavelmente imitam a atividade criminal adulta[...]” (POSTMAN, 1999, p.11).

2.2 Há luz no amanhã?

Ao anunciarmos o protagonista Candunga, estamos falarmos de forma superficial, porém perene sobre a saga romanesca tecida por Bruno de Menezes em seu romance Candunga (1954), alinhadas sobre os horizontes de leituras que discorre sobre as faces humanas, sobre as metáforas das cenas de migrações em constantes avanços em nosso Brasil. Em um viés causado pela força do capital, universalização do processo de exploração, crises humanitárias, problemáticas sociais, vulnerabilidades de todo tipo para a ser destaque sobre os sentidos ficcionais de Bruno de Menezes.

Usaremos sobre essa demanda as classes (in)visíveis, silenciadas e exploradas até a alma, denunciar, ironizar e questionar suas dores, perdas e ausências de direitos são as molas mestras para compreendermos seus saberes, modos de vida, tipos de traços, perfil sociocultural de algo básico, saúde, alimentação, habitação e dignidade humana, as labutas de grupos de retirantes nordestinos e seus processos de migratórios na Amazônia em busca de melhores condições de vida e sobrevivência. Ganham uma atenção especial, o lócus desse conflito sobre a Zona Bragantina, interior do Estado do Pará.

[7] Obras completa de Bruno de Menezes, Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993 – (Lendo o Pará): v.3 ficção. p.37-65.

Neste aspecto, ressaltamos a importância do protagonista “Antônio Candunga, seu afilhado, pelo físico dessorado, lembra um novilho desgarrado, de ossatura à mostra, a quem abriram a porteira do curral, quando nem caroço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para os animais” (MENEZES, 1993, p.99). É sobre esse protagonista-Candunga[8] que Bruno tece suas indagações frente aos dramas romanescos que denunciam as falhas dos seres humanos, do Estados ou Intendências, das representações de classes definidas sobre as margens, (in)visíveis, silenciadas e emergindo no/do entrelugares, das/nas fronteiras sobre ato de pensar ao norte do Brasil. Uns extremos de problemas sociais que o personagem retirante, aponta sobre a obra de forma alto descritiva a partir da verossimilhança e as relações mútuas entre o ficto e facto existencial de um universo fragmentado nas perdas, dores, sofrimentos humanos, de gente, classes invisíveis de pessoas exploradas sobre o interior da Amazônia. Há de ressaltarmos, segundo Venâncio (1999, p. 13) que:

[...] as normas, as leis e as práticas assistenciais, que além de estigmatizarem os pobres com acusações de irresponsabilidade e de desamor em relação à prole, deram origem a uma perversidade institucional que sobrevive até nossos dias: paradoxalmente, desde os séculos XVIII e XIX, a única forma de as famílias pobres conseguirem apoio público para a criação de seus filhos era abandonando-os.

É sobre essa infância e criança que nasce o protagonista que “[...] marchava, quando ouvira um grito de cortar a alma. Assuntara de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçado a um corpo caído, que estrebucanhava, a boca escancarada, como suplicando uma fresta d’água. E a que havia, nessa hora, escorria dos olhos dela”. (MENEZES, 1993, p.101). Essa passagem de tempo, espaço e autodescrição da realidade do povo sofrendo por não ter algo essencial para sobreviver, a água. “Os desterra” (MENEZES, 1993, p.103) como eram chamados “vêm de abandonados pontos, rumo ao sonhado Pará. Crivados de “bichos de pé”, macilentos e desnutridos, transportam as trouxas dos teréns, sem esquecerem as cabaças d’água” (MENEZES, 1993, p.103). Os símbolos do sol no Nordeste e as chuvas na Amazônia é são o contraste da passagem de vida, sonhos e exploração sinalizada a seguir:

Assim, numa pungente irrisão dos fados, êles, que fugiam espavoridos, ante um sol cruel e um céu que se algodoava em cirrus, ao depararem o ambicionado oásis, na terra hospitaleira da Amazônia, recebem em cheio, em chocante contraste, o aguaceiro imprevisto, de um desabar de nimbos.” (MENEZES, 1993, p.106).

O que se pode inferir é que sobre essas duras realidades em contrastes movimentos socioculturais, linguísticos, simbólicos, imaginários, identitários, regionais, de crenças, espaços, tempos, vidas que se seguem sobre uma “[...] locomotiva “Peixe-Boi”, comboiando dois carros de segunda classe e um bagageiro, compõe o expresso, dos novos agricultores, que irão, como as levadas anteriores, botar roçados na zona gargantinha” (MENEZES, 1993, p.109). Sobre essa realidade nasce o protagonista Candunga, há de se reparar no romance que “[...] o rapaz arquitetaria sonhos de um futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, experimentado pela idade, daria curso a idênticos anseios, na esperança de retornar ao seu jamais esquecido Ceará”. ” (Ibidem).

As representações dos sonhos, desejos e a (re)construção de novas possibilidades de sobrevivência, vivência e dignidade é, o que os conduz a tecerem suas migrações mundo afora. Essa realidade pode ser comparada à crise humanitária que estamos

[8] Atualmente a palavra candango é utilizada para designar os trabalhadores que participaram da construção de Brasília e nomeia também os primeiros habitantes das cidades, os retirantes, imigrantes. Para Bruno de Menezes, obviamente por ser o porta dos negros, vai usar deste termo Candunga como título de sua obra para tecer críticas a realidade 1930, ecos vindos do norte e do interior de nosso Brasil. Ressalta em seu protagonista Antônio Candunga essa metáfora da gente em processo de exploração e migrações em seu romance de 1954. Consultando o termo no dicionário (AURÉLIO 2004, p.139) diz que ela nasceu de kungundu, diminutivo de kingundu, em Quimbundo. Kungundu exprimia, para os africanos, a ideia de ruim, ordinário, vilão. Era a designação que eles davam aos portugueses dedicados ao rendoso tráfico negreiro.

vivendo hoje, como crises de identidades socioculturais, destruição de estados e a migração em nossa contemporaneidade, já estava sendo anunciada na primeira metade do séc. XX por meio do romance *Candunga* (1954), de Bruno de Menezes. A expressão “família” explorada ou em exploração, pode ser indagada pelas atitudes dos personagens expressos no romance pelo patriarca Francisco Gonzaga, sua mulher Teresa, sua cunhada Assunção, as filhas Ana e Josefa, e o afilhado Candunga, todos vítima da exploração e desumanização dos grandes mandatários do poder local. Citamos o luso João Portuga, o sírio Salomão Abdala, e o piauiense Minervino Piauí que dominam, alienam e dão aos seus “escravos” de mão de obra barata e em constante processo de exploração à dignidade humana de representar a voz, o poder e a ignorância sobre seus protegidos.

E o capanga João Deodato é seu jagunço opressor das injustiças e ordenador da exploração humana é o encarregado dos assentamentos de exploração humana. A sabedoria de Bruno nos leva a destacar de forma genérica o lócus, espaços e tempo da narrativa, para não sofrer com a opressão política, suas obras ganham um olhar para as “colônias”, “vilarejos” ou “povoados de retirantes”. Essa resistência pode ser descrita nas passagens entre Candunga e Romário. O protagonista e o contato com os saberes, diálogos, trocas de experiências, vivências, educação, técnicas agrícolas faz com que tenham autonomia enquanto representante do povo, vibram com as lutas sociais e defendem direitos trabalhistas no interior do Pará. Essas lutas ecoam nas colônias, grupos marginalizados, vilarejos e ganham tom de liberdade, de poder de reação contra os opressores, seus padrões e Candunga é a metáfora da resistência de uma mentalidade sobre as vozes de um povo, da gente e de pessoas que lutam contra os poderosos e contras todos os tipos de opressão, barbárie e violações de direitos. A herança de uma educação que clareia os olhos estava o personagem Romário, descrito no fragmento a seguir:

O doutor Romário, como chamam ao agrônomo designado para dirigir o núcleo colonial do burgo, diplomara-se à custa de persistência e de estudo. Pobre, sem outras armas para lutar na vida, senão a sua inteligência e vontade de vencer, forçaram-no a colar gráu numa turma “jaqueira”, para poderem titular protegidos. (MENEZES, 1993, p.131).

É o “doutor” designado pela “[...] portaria [o] agrônomo Romário Sérgio para discriminar e reprovar as colônias do interior da zona bragantina” (MENEZES, 1993, p. 133), nos quais o os colonos tem contato descrito a seguir:

- A quanto tempo forma vocês trabalhar nessas terras
 - Que saber Romario, para se orientar.
 A casa pergunta, os colonos se entreolheam e um deles, falando pelos outros, responde:
 - Desde que nós chegüemo...
 - Por que não pediram para cada familia ser licalizada em lotes independentes?
 - Pedi o que, seu doutô! Aqui todo terreno tem dono...
 - Como é isso? – Romario surpreende-se.
 - A terra, o mato, a roça, a caça, a água... até nós mesmo... Se não temo dono, sêmo alugado, que é o mesmo que sê escravo...
 Romario carrega a fisionomia:
 - Como é isso?...
 - É a verdade, seu douto... Sêmo burro de carga de seu João Portuga, de seu Minervino, de seu Deodato... mas o pió é o Turco. (MENEZES, 1993, p.133).

Não haviam posses, eram escravos, não existia nenhum “papel escrito” (MENEZES, 1993, p. 134). Existia sim práticas e trabalhos de exploração da mão de obra e da alma humana como escrava pelos “magnatas da “vila” (MENEZES, 1993, p.137). Candunga decide ir a “vila” para falar com Romario que possibilitou os Clareúmes das opressões que estavam passando e “[...] os colonos, de certo modo, haviam se identificado com a obra do agrônomo. Nota-se nas suas conversas uma consciência de emancipação” (MENEZES, 1993, p. 227), passou a ser criando pelos colonos da vila. Essa emancipação no olhar de Romario era descrito como ponto positivo, fazendo indagações para um novo olhar na vila, colônia:

[...] Eles bem que adivinharam o Grande Dia! Como seria ideal si soubessem discernir o que esperavam!... o espírito da emancipação alvorecida entre eles! E chegará essa vindura Aurora?!... Hoje? Amanhã? Depois? Quando será esse dia?!...

[...]

Vê um símbolo de promessa, nesse rebento de uma geração, que será menos sofrida, como ele pensa. E um entusiasmo de toda o seu ser, toma o garoto nos braços, transfigurado e sonhador. Depois, como se destinasse o pequeno ao Amanhã, exclama convicto: - Tú, sim, hás de pertencer à Humanidade Nova! Em ti estará o Homem livre, senhor de si mesmo! O indivíduo com dignidade de viver! E´s um dos elos da verdadeira família humana! – e beija, enternecido, os cabelos sedosos da criança. (MENEZES, 1993, p.227-228)

O futuro da humanidade está na educação e formação de nossas crianças, humanizar é preciso, educar é necessidade, formar e sensibilizar é o espírito, a alma frente às multiplicidades de problemas em diferentes contextos sociais surgindo em distintas classes, poderes e conflitos interiores e exteriores aos seres humanos é fundamental para que possamos construir um mundo melhor. Para Loureiro (2012) define:

Na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve e ativa a sensibilidade estética. Os objetos são percebidos na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística, pelas liturgias e pela visualidade (LOUREIRO, 2012, p.21).

Essa indagação faz com que Doutor Romario possa enxergar em Antônio Candunga como seu representante ideológico, de uma política educativa social e humanística, de politizar o povo, suscitar saberes e reivindicar direitos que venham a servir-lhes como esclarecimentos, informações e técnicas de plantio agrícolas, educar seu povo, sua gente, suas classes. A de se notar que Romário o deixa Candunga como seu capaz geral na vila, colônia e vilarejos:

[...] quer dar reconhecimento, na sua ausência. E, perante todos, fala-lhes serenamente, mencionado o seu amigo:

-Êste é um homem simples, leal e honesto! Confiem nele!

Desejava que todos vissem em Candunga um companheiro, um igual, não um superior, um mandão. Procedessem sem prevenções, sem desconfianças, que teriam que os orientasse.

E abraça, diante do povo, o camarada humilde. (MENEZES, 1993, p.228)

É em busca de “NOVO PORVIR” na saga romanesca de Candunga (1954), de Bruno de Menezes que se fez a intenção de trazer à tona estas realidades denunciadas nos anos 1930, do séc. XX. Essas explorações e ausências de direitos passam a serem enfatizadas sobre um tom de “[...] iluminado: - ainda tardará esse Porvir?!... Hoje Amanhã! Depois! Quando virá?!... [...] É que havia um símbolo de redenção, no batismo de luz daquelas terras! (MENEZES, 1993, p.239). No entanto, falar sobre o gênero romance de um grande escritor de nossa literatura nacional sobre o universo de expressão dos sabores e dissabores voltados às problematizações sociais, culturais, educativas, identitárias, simbólicas, imaginárias, informativas, de (re)construção do ser, interior e frente ao mundo, aos poderes e a força do capital e o poder ideológico, político que causam nas massas, na gente e no povo atos opressivos de exploração. A efeito desse jogo enxergamos nos protagonistas (Dagmar e Antônio Candunga) o domínio do ser humano pelo poder alienador do capital, do homem em constante violação de direito e exploração do corpo e da alma.

Portanto, faz-se necessário indagar em Candunga (1954) as dores, os desejos e os contextos de libertação e dignidade humana que denunciam as falhas de uma humanidade sobre um futuro de exploração, desigualdades sociais, conflitos entre classe, perdas de direitos, imposição de poderes e forças que fazem com que os seres humanos, os homens e mulheres sejam os objetos de violação e de barbárie, realidades muito bem ressaltadas entre os anos 1930 e sobre o universo amazônico do séc. XX.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreendermos nos romances *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954), do poeta, escritor, romancista Bruno de Menezes e entendermos que somos os arquitetos do (re)criar sentidos, os mestres(as) de vivências e experiências de uma arte ficcional, sensível e pulsante nas vozes, vidas, dores e gritos que ecoam sobre as autodescrições de suas narrativas foi é o que nos incentivou a investigar. Um romance de formação que educam eu, outro e faz o próprio ser educar-se no mundo e com o mundo em Dagmar e Antônio Candunga, o ficto facto se misturam e a verossimilhanças ganham espaços sobre os universos (re)criados e problematizados pelos protagonistas alter ego dos próprios “seres humanos”.

Maria Dagmar é um símbolo (MENEZES, 1994, p.33), nas visões de Georgino Franco “[...] sim, símbolo do amôr, símbolo de desengano, símbolo de pobreza envergonhada, símbolo de esperança malogradas, símbolo da vida de hoje, corrompida até o cerne, símbolo de um destino que os homens arruinaram”. (Ibidem) Dagmar é “[...] “criatura de símbolo” [...] “heroína” de uma geração que vai ainda sobrevivendo [...]” (MENEZES, 1994, p.31). Há de se notar que como uma feliz, a lama das mulheres e o espírito de homens renascem em épocas distintas e em espaços diferentes. “[...] Ajoelhemos nossa emoção que maria Dagmar vai passando por nós...” (MENEZES, 1994, p.35). Em Candunga este sentir-se sem rumo abre-se pela luz solitária de um novo porvir para tecer visões de liberdade, (auto)consciência e educação “[...] E sentem-se só no mundo [...]” (MENEZES, 1993, p.222) ecoando sobre as humildes “[...] almas simples [...]” (MENEZES, 1993, p.228). Entender que “[...] Candunga sabe que as “navalhas” não param” (MENEZES, 1993, p.231).

O que se buscou neste trabalho foi demonstrarmos as aproximações dos romances, seus pontos e contrapontos investigativos abertos a distintos campos de investigações, foi no sentido de (re)criarmos sentidos, ressaltar os dialogismos existenciais e universalizantes sobre a labuta dos(as) protagonistas, autores/escritores e obras/romances. Há de saber que a importância desses romances é um ato de resistir e multiplicar essa partilha em diferentes campos de estudos. Sobre os romances, as tramas e os dramas dos(as) protagonistas fazem das entrelinhas dos textos-obras os horizontes de leituras em distintos “*entrelugares e espaços das margens invisibilizadas*” enquanto classe, gente, ser humano sobre as mais diversas manifestações de uma arte-literária neomoderna que descreve minuciosamente a realidade universal da vida de muitos meninos(as), homens e mulheres do universo na/da Amazônia. É sobre o indagar das aproximações investigativas que busquemos responder sobre: Há uma educação (in)sensível emergindo nas fronteiras do silêncio do universo amazônico? Quais os pontos e contrapontos entre os protagonistas Dagmar e Antônio Candunga nos distintos romances, *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954)? são respondidas e ganham horizontes de leituras interpretativos que alcançam as margens, fronteiras de uma Educação do (in)sensível na Amazônia.

Por fim, pensar uma educação, formação e saberes do sensível é mergulhar na ficção romanesca de Bruno de Menezes sobre o fenômeno de seus protagonistas em busca de tecer orientações, referências, indagações, recepções e leituras que atualizam as obras, visibilizam estudos, instigam pesquisadores, e se abrem para um infinito “mundo” de interpretações nas/das artes-literárias, do/no ser humano e no mundo. Por fim, cabe ressaltar o olhar de esperança na infância e na crianças no universo amazônico a partir das percepções de Alves (2020, p. 41)[9] ao nos deixar a refletir:

Ao imergir no cotidiano das crianças ribeirinhas, quilombolas, indígenas e assentadas, o pesquisador consegue construir um caleidoscópio de culturas, saberes e práticas das suas ancestralidades, em que há relação com a natureza: “água”, “artefatos da floresta”, “rios”, “mata”, “animais”. [...] Na região da Amazônia paraense, desde muito cedo as crianças convivem com as águas. Elas mergulham ainda muito pequenos nos rios, furos e igarapés, uma vez que são nesses espaços que suas mentalidades se arquivam e suas relações de brincadeira e do convívio diário acontecem. São nesses espaços que as crianças se constituem culturalmente, pois aprendem a conviver com adversidade dos rios e a conhecer o “tempo das marés”, o “tempo das chuvas”, o “tempo da pesca”, o “tempo do trabalho na roça”, o “tempo da brincadeira” e o “tempo dos saberes” disseminados coletivamente. As crianças brincam e compartilham culturas e identidades entrelaçadas por uma teia de significados que dão senti dos aos processos de criar, imaginar, sonhar e devanear.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Tradução Antônio de P. Danesi. 2.ed. Campinas: Verus, 2010

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio** / Gaston Bachelard. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6.ed. São Paulo: Unesp/ Hucitec, 2010.

[9] Artigo publicado em 15 de junho de 2020, sobre o título: Ensaio cartográfico sobre a Infância: O desafio da pesquisa com crianças da Amazônia paraense. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.15, p. 41.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa** – Lisboa: Arcádia, 1979.

HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAUFER, Roger. **Introdução à textologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. Marli E.D.A. André. – São Paulo: EPU, 1986.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, 1993, v. 2, Folclore.

MENEZES, Bruno de. **Maria Dagmar** (Novela) - Edições Getúlio Costa:, Rio de Janeiro. 1950

MENEZES, Bruno de. **Candunga** (cenas das migrações nordestinas na zona bragantina)-Romance. Belém, 1954.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org). **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade**. 13.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

PAES LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 2001. Obras reunidas, v. 4.

PAES LOUREIRO, João de Jesus Paes. Do mito à ciência. In: PAES LOUREIRO, J. J., OLIVEIRA, R. G., DUARTE, R. (org.) **Arte e Cultura na Amazônia: os novos caminhos**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012. p.15-25.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental. org.: Ed. 34, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX**. Campinas: Papyrus, 1999.

Artigo recebido em: 09 abr. 2021. | Artigo aprovado em: 05 jun. 2021.